

ou interna Ou muda ou explode

A crise econômica galopante, que, em menos de três meses, liquidou com os anticorpos do organismo nacional, acaba de ser oficialmente reconhecida e proclamada. Como ente econômico, o país está enfermo de insidiosa moléstia. No plano externo, tivemos que admitir a incapacidade de juntar os dólares suficientes para pagar os juros da dívida, quanto mais o principal; e disso, antes que o dia clareasse, Sara já deu ciência aos nossos Jacós que ficaram sem dormir. Ainda no plano externo, não há a "nota verde" para importar as máquinas, os equipamentos e os infindáveis insumos ou componentes "made in qualquer lugar", ditos indispensáveis para o ambicionado desenvolvimento do nosso parque industrial. E quem não importa também não exporta, pelo menos para quem paga.

Tudo mudou, o fato já está consumado, não adianta perguntar-se como isto pôde acontecer, nem voltar à página lida nem chorar o leite derramado, como é conselho da experiente sabedoria popular. Se se quiser, porém, fazer um exercício intelectual, para eventual uso em futuro próximo, convém reler o Aurélio Pooeci, aquele do Clube de Roma e ex-dirigente da Fiat, da Olivetti e da Itaconsult, que, nas "Cem Páginas para o Futuro" (ed. UNB-1981), advertia ser "a atividade econômica fundamental", porém, "quando mal concebida ou mal administrada, é a principal fonte das injustiças sociais", e que "suas consequências são inelutáveis e só poderão ser a escassez de certos elementos ou produtos nos mercados, uma alta contínua dos preços, a inflação crônica e o caos monetário, que favorece a especulação, prejudicando a empresa honesta". Muito claro e obviamente oportuno.

E no plano interno, como ficamos? A vida continua, hoje é sábado, dizia o poeta. O governo e o legislativo têm que acordar para a nova realidade e acabar com os discursos bonitos, feitos para engabelar o povo, como foi este engabelado pelos pedintes de votos nos idos de novembro. Antes de viajar ao encontro dos Jacós, o sr. Dílson Funaro tem que deixar decretada uma moratória bancária interna, que salve os agricultores da falência e o país da fome. Getúlio Vargas fez assim e passou quinze anos no poder, na primeira vez. É duro constatar, mas sem ela o país explode.

Será preciso, também, convocar toda a sociedade que trabalha. A boa opção é pelos que trabalham, não pelos que gritam mais alto. Passar por cima das indiossincrasias, um luxo dos tempos de prosperidade, e entrar na "estação da muda", mudar apenas o que for indispensável à sobrevivência e deixar as pretendidas grandes mudanças para quando as coisas melhorarem. Reingressar o país na sua antiga simplicidade, de viver modesta e economicamente, acabando com os "comboios da alegria" que trafegam desavergonhadamente por toda parte e com as orgias de gastos exibicionistas da burocracia estatal e semi-estatal. O país é pobre e não tem dinheiro, não pode querer parecer com americano ou europeu gente rica.

A hora é, também, de união e de energia. De união em torno do presidente, abdicadamente honrado e digno, para que ele possa conduzir o país nesta quadra difícil, sem indecisões, tibiezas e pressões indevidas sobre o governo. E sem os ridículos e ultrapassados questionamentos quanto à legitimidade de sua investidura ou a duração do seu mandato, o que só contribui para enfraquecer a imagem e a autoridade do poder, fatores indispensáveis para que haja o respeito do povo. Ou o país muda agora ou as instituições não sobreviverão à crise.